

## PRODUZINDO RECORTES, CRIANDO VISIBILIDADES

### Intervenções urbanas em Psicologia Social junto a grupos LGBTQIAPN+ da cidade de Volta Redonda

*MAKING CUTOUTS , CREATING VISIBILITIES  
Urban interventions in Social Psychology with LGBTQIAPN+  
groups in Volta Redonda city*

**Isadora de Almeida Dutra<sup>1</sup>,  
Júlia Garcia Monzillo<sup>2</sup> e Ana Cabral Rodrigues<sup>3</sup>**

#### Resumo

Desde uma perspectiva transdisciplinar e diante de uma concepção hegemônica de Psicologia, faz-se necessário explorar novas intervenções e práticas de cuidado que estabeleçam outras relações e saberes junto aos corpos tidos como dissidentes, desviantes, sobre os quais historicamente foram colocadas uma série de classificações e patologias. Este artigo narra a trajetória de uma dupla de estagiárias de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, campus de Volta Redonda-RJ, através da perspectiva metodológica da Caosgrafia e por uma aposta epistemológica no fazerCOM. Localizando o interesse de mapear modos de fazer cultura e ocupar a cidade pelos corpos LGBTQIAPN+, o artigo apresenta o dispositivo das oficinas de colagens e lambes utilizado como um caminho para visibilizar questões e evocar outras formas de encontro e compartilhamento de experiências, marcadas especialmente pelo acompanhamento do coletivo “Mais Que Skate” na produção de um evento no mês do Orgulho LGBTQIAPN+ de 2023.

Palavras-chave: corpos LGBTQIAPN+, cultura, intervenção urbana, colagem, psicologia social.

#### Abstract

*From a transdisciplinary perspective and facing a hegemonic conception of Psychology, it becomes necessary to explore new interventions and care practices that establish alternative relationships and knowledges with bodies historically deemed dissident, deviant, upon which a series of classifications and pathologies have been historically imposed. This article narrates the trajectory of a pair of Psychology interns from the Universidade Federal Fluminense, Volta Redonda-RJ campus, through the methodological perspective of Caosgrafia and an epistemological commitment to fazerCOM practices. Focusing on mapping ways of cultural production and occupying urban spaces for LGBTQIAPN+ bodies, the article presents the device of collage and wheatpasting labs used as a pathway to visualize issues and evoke alternative forms of*

1 Graduada em Psicologia (UFF, 2023), pós-graduanda pelo Programa de Pós-Graduação lato sensu Cidades, Políticas Urbanas e Movimentos Sociais (IPPUR/UFRJ).

2 Graduada em Psicologia (UFF, 2023).

3 Professora Adjunta do Departamento de Psicologia (UFF-VR); Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (UFF); Doutora em Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (UFRJ/2013); Pesquisadora pós-doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano (UFRGS). Coordenadora e supervisora do Projeto de estágio curricular Cidade, Cultura e Coletivos (UFF).

*encounter and shared experiences, particularly marked by the involvement of the “Mais Que Skate” group in organizing an event during the LGBTQIAPN+ Pride Month of 2023. Keywords: LGBTQIAPN+ bodies, culture, urban intervention, collage, social psychology.*

#### Introdução

Descolonizar o gênero é necessariamente uma práxis  
*María Lugones*

Situar-se no campo da Psicologia e suas transversalidades implica compreender, ao mesmo tempo, as forças e maquinarias do capitalismo, inclusive aquelas que dizem respeito às políticas urbanas as quais são aqui compreendidas como políticas de subjetivação (Cabral, 2013). Para qualquer campo do conhecimento que se disponha a recolher os efeitos de suas práticas, faz-se necessário entender seu lugar na produção do controle dos corpos e de como suas lógicas se fazem presentes e são capazes de se estender por dispositivos e instituições de vigilância. Podemos compreender que desde uma lógica disciplinar moderna (Foucault, 1997) esses dispositivos operam organizando “o mundo ontologicamente em termos de categorias homogêneas, atômicas, separáveis” (Lugones, 2014, p. 935), e capilarizam políticas de segregação delimitando a experiência de pertencimento e de circulação das pessoas pelos espaços urbanos que, como catracas visíveis ou invisíveis, cerceiam os corpos em seus marcadores de gênero, classe, sexualidade e raça (Rolnik, 2019).

Silvia Federici (2023) dedica um artigo para apontar as diferentes formas de violência para as quais o saber psi já foi e segue sendo convocado, direcionadas aos corpos produtivos, reprodutivos e improdutivos. Segundo essa filósofa, a Psicologia se consolida no século XIX como a principal disciplina de controle da força de trabalho, construindo um homem-máquina racionalizado e obediente às novas configurações de produção industrial. Diante de um capitalismo que demanda cada vez mais a destruição de todas as formas de vida que não condizem com a organização do trabalho, as Ciências Humanas e Sociais constituíram as principais ferramentas legitimadoras desse novo conceito de corpo, “fixo no espaço e no tempo, capaz de formas de comportamento uniformes, regulares e controláveis” (Federici, 2023, p. 108).

Essas formas de saber-poder legitimaram, junto ao homem-máquina, a racionalização e moralização da sexualidade e a categorização de todas as práticas sexuais e identidades dissidentes. Os corpos desviantes como os homossexuais e prostitutas ocuparam os *settings* terapêuticos, os manicômios e – como objetos – milhares de estudos que os destinaram à psicopatologização.

Diante disso, Federici (2023) faz um apelo:

Chegou a hora de os psicólogos denunciarem as técnicas concebidas para transformar o corpo em força de trabalho, o que inevitavelmente nos leva da filosofia ao terror e da psicologia à tortura. A psicologia deve parar de atribuir as patologias provocadas pelo capitalismo a uma natureza humana pré-constituída. Deve também abandonar a produção de camisas de força que obrigam nosso corpo a ignorar a violação diária de sua integridade pelas mãos do sistema econômico e político em que vivemos. (Federici, 2023, p.121)

Para além de uma questão concernente apenas a um campo disciplinar ou a um corpo de profissionais em específico, o apelo aqui explicitado é a marca de uma urgência que necessita se fazer transversal às práticas cotidianas e discursos acadêmicos em suas normatividades. E, por essa transversalidade, evidenciá-los em suas composições e acoplamentos na produção e perpetuação de violências.

É a partir dessa aposta em uma prática profissional que se dispõe a recolher e analisar seus *a priori* e efeitos (Rocha, Aguiar, 2003), como forma de co-construir suas intervenções junto a outros saberes e atores sociais, que a experiência de um estágio aqui se narra e pretende evidenciar as construções metodológicas e as questões que acompanharam as intervenções urbanas como políticas de cuidado junto aos coletivos LGBTQIAPN+. E, assim como esse apelo e urgência não se reduzem ao campo psi, igualmente as reflexões sobre tais intervenções devem ser capazes de acompanhar impasses e construções metodológicas de trabalhos e investigações desde outros campos do conhecimento.

Desenvolvido desde 2014 na Universidade Federal Fluminense, campus de Volta Redonda-RJ, o Projeto de Estágio Curricular Cidade, Cultura e Coletivos, sob coordenação e supervisão da professora Ana Cabral, se dedica a uma formação em Psicologia que subsidie a compreensão e ampliação da inserção das práticas profissionais no campo das políticas públicas, com foco nas dinâmicas, dispositivos e atores da Rede Pública de Cultura em suas interfaces. Suas diretrizes sustentam a construção de uma prática psi atenta aos processos cotidianos de produção da experiência - concebida, simultaneamente, como território do singular e do coletivo -, aos modos de narrar a experiência, e ao compromisso com as redes e espaços públicos de produção do direito à cidade e do direito à cultura, por micro e macropolíticas que tenham na cultura seu campo privilegiado de invenção. Prioriza-se, pois, a “atenção aos territórios urbanos e territorialidades inscritas nos corpos que afirmam a dignidade da vida na pluralidade de modos de narrar o cotidiano, ocupar espaços e construir memória” (Cabral, 2019, s/p).

Como escrito por Dutra (2023), o trabalho de estágio realizado aponta para a construção conjunta de modos não hegemônicos e colonizados de criação de vínculo, de subjetivação e de ocupação urbana. Um trabalho que procura pensar sobre os fazeres culturais em sua dimensão performativa, ou seja, enquanto produtoras de realidade por meio das práticas em suas diversas articulações, instancias, negociações, alinhamentos e afetações (Moraes, Arendt, 2013).

Na qualidade de estagiárias, a proposta foi reconhecer e construir relações de cuidado junto a territorialidades dos corpos LGBTQIAPN+ na cidade de Volta Redonda a partir das políticas urbanas e culturais por uma visão não individualizante dos corpos e dos modos como se narram. São, efetivamente, por exercícios éticos, críticos em nossos próprios corpos – e como nós os narramos – que encontramos novas formas de intervenção orientadas num FazerCOM e PesquisarCOM (Arendt, Moraes, Tsallis, 2016), que evocam a produção de conhecimento engajada, situada e comprometida com o acompanhamento dos processos cotidianos junto àquela/es que os vivenciam e através dos quais estabelecem lutas e lugares no mundo.

Por essa perspectiva e aposta ético-epistemológica, a estratégia para construirmos tais relações de cuidado através de conhecimentos e expertises compartilhadas encontrou um contorno na proposição de oficinas de colagem a serem realizadas nos trajetos e pontos de encontro dos coletivos LGBTQIAPN+ da cidade. Tais oficinas foram pensadas a partir da estética do fragmento e das técnicas de montagens (Benjamin, 2007): produzindo deslizamentos, composições, evidenciando choques, sobreposições, rasuras, cortes. As colagens são aqui compreendidas como técnica

artística, mas também como dispositivo de intervenção, análise e diálogo. Elas são tomadas como modos de produzir encontros, agenciar acontecimentos e ocupar espaços, em composição com as presenças já existentes, com aquilo que ali já acontece. O dispositivo das oficinas, portanto, não visa obter uma ‘produção artística’ final; ele se apresenta como um proceder, uma forma de criar presenças de corpos em suas diferenças e possíveis tessituras comuns; e igualmente, uma maneira de criar laços, e fazer emergir saberes e experiências existentes no território. Criando composições e tensionamentos, as colagens, por montagens e desmontagens em fragmentos avessos às totalizações, se oferecem como instrumentos coletivos de interrogação à negação do direito à cidade.

A estética do fragmento e a montagem aparecem, enquanto orientadoras das nossas práticas e intervenções, há bem mais tempo no projeto de estágio do que as oficinas de colagens em si. O que das montagens nos conduz às colagens é – para além de uma estética aí consonante – a reflexão acerca de nosso lugar desde numa discursividade não totalizante demarcada por uma contingência e historicidade – como evidenciará o teatro épico de Brecht o qual Benjamin (2007) evoca. Nesse sentido, os elementos que saltam dos encontros com o campo são recolhidos mais como desmontes ou estilhaços de uma via naturalizante dos corpos e modos de subjetivação do que como frutos de um escrutínio de vidas alheias a serem decifradas por saberes especialistas supostamente neutros e destacados das posições e relações de poder pelas quais emergem. Como co-compositoras desses fragmentos, cortes e recortes que dizem de vidas que anseiam outros devires, outras formas de se dizer e poder dizer cidades (Araujo, Cabral, Araújo, et al. 2016), nos dispomos a perguntar sobre as forças dessas desmontagens-montagens que se encontram nos gestos banais, nas pistas cotidianas de um território que nos convoca a um pensar atrelado às experiências das afecções nos/dos corpos. O que se torna um movimento de composição de uma sensibilidade que, na diferença, se compartilha; e, pela qual, somos instadas a nos ver inseridas em paisagens compartilhadas, reconhecendo em seus atores sociais sujeitos do conhecimento e parceira/o/es de criação.

Destacamos que o processo de invenção dos dispositivos de intervenção, à medida que adentrávamos o território, na perspectiva de uma atuação capaz de engendrar caminhos de promoção ao direito à cidade, tornava-se inseparável das questões que esses corpos nos traziam, das perguntas que eles/as nos faziam a respeito do que queríamos junto a ele/as, de que tipos de saberes agenciávamos, que psicologia era possível de ser ali sustentada. Eram nossos lugares, socialmente institucionalizados, que igualmente estavam em jogo nesses movimentos de (des)montagens.

Dessa forma, a experiência de formação e a emergência das forças que operam nas urbanidades que buscávamos acompanhar enquanto estagiárias inseridas na Rede de Cultura aparecem indissociáveis dos encontros com pares e parceira/os, com conceitos e metodologias e com um corpo que está sempre por se descobrir e produzir. Corpos nossos permeados por bagagens e desejos que entendem nesse processo dinâmico uma aposta de atuação em um campo de trabalho que nem sequer nos era sabido pouco tempo antes de nos dizemos estagiárias e, tampouco, o era por aquela/es com os quais atuamos. Isso exigia – mais do que qualquer esclarecimento do que é ou pode ser a prática psi – reconhecer as marcas que a formação em um campo do conhecimento produz sobre seus corpos e como eles disputam sua invenção. Aquela que, neste artigo, é aposta por ir compondo e encontrando caminhos por onde a Psicologia em suas transversalidades pode se criar como prática de cuidado e exercício de pensarCOM os territórios (Cabral, 2019), reconhecendo neles saberes e memórias incontornáveis.

O presente trabalho objetiva, portanto, narrar o encontro com esse território permeado de disputas e visibilizar questões de vidas, corpos, experiências que tanto são marcados por marginalizações das histórias que contamos de cidade, quanto por práticas de resistência e recusa que, muitas vezes, “utilizam do dinamismo da linguagem, reapropriando termos hegemônicos para tensionar uma língua que é binária, racista, sexista e excludente, como tática de inclusão da diversidade sexual e seus diferentes modos de experienciar a cidade” (Borges, Araújo, 2022, s/p.) Propomos trazer narrativas de uma prática assumidamente tateante, deambulante a partir dos encontros com um dos coletivos com os quais dialogamos: o coletivo Mais Que Skate, destinado a acolher e promover o pertencimento de corpos LGBTQIAPN+ no skate na cidade de Volta Redonda.

Serão por alguns gestos conjuntos que as histórias desse trabalho aqui escolhem se dizer.

### Folhear revistas

Os movimentos iniciais do nosso campo de estágio vieram de articulações com um aparelho cultural interessado em acompanhar questões LGBTQIAPN+ na educação e na cidade. A proposta feita pela instituição veio a partir da exibição de um documentário para estudantes do Ensino Médio. Esse material – que narrava a visão de uma mãe frente à transição de gênero de seu filho adolescente – foi compreendido por nós como um primeiro movimento para algumas possíveis cartografias dos discursos e experiências LGBTQIAPN+ na cidade. Após a exibição do filme, foi realizada uma roda de conversa, com a participação de professores, uma ativista e (em um convite inesperado) também com uma das estagiárias. Durante a roda, os alunos trouxeram questões e falas que atravessavam temas como religião, família, amigos e a dificuldade generalizada em lidar com orientações sexuais e identidades de gênero dissidentes.

É importante localizar algo do sentido desse trabalho de estágio no lugar onde se realizou. Volta Redonda é uma cidade cuja narrativa histórica hegemônica foi sustentada num discurso do progresso estampado na imagem da grande Siderúrgica Nacional (CSN), sustentada por corpos masculinos, hétero, produtivos, provedores e resilientes capazes de fazer a indústria operar e dar rumo a uma nação viril que não encontraria entraves capazes de abalar a força e a moralidade que lhe eram motriz. Mesmo em meio a derrocada de muito dessa sua imagem promissora e pujante, acompanhar esses espaços era esgueirar-se por entre as frestas, reconhecer cuidados, e táticas de sobrevivência, sobretudo de corpos não binários e trans (em suas interseccionalidades) que, nas luzes da cidade, pareciam não existir. Nosso exercício era de escuta – e nela o lugar de uma intervenção – reconhecendo a cada vez o que ia ganhando evidência nos discursos, o que era deixado de fora e as demandas que apareciam frente a uma ampla ausência de políticas públicas e garantias dos direitos mais elementares. Esse processo, que se estabeleceu por quase um ano, foi marcado pelo reconhecimento de diversas dinâmicas territoriais de coletivos LGBTQIAPN+, instituições e suas experiências nessa atuação. A partir disso, por uma aposta nos exercícios de uma sensibilidade de poder afetar e ser afetado (Latour, 2007) e num, corpo capaz de se agenciar com as forças dos outros corpos (Pozzana, Kastrup, 2017), começamos a imaginar possíveis intervenções, pensadas em conjunto às expressões já presentes na cidade.

Num diálogo com as artes urbanas e em atenção às palavras e imagens que pedem passagem nas rasuras de paredes, chãos e cotidianos das cidades, vislumbramos um campo de experimentação estética que fosse indagação e acolhimento às imaginações de vidas denegadas como exercício conjunto de sustentação de sua própria existência.

Reconhecemos nas artes colagistas um caminho em consonância com os activismos da cidade e, nos manuseios de revistas e jornais, um convite a temporalidades banais possíveis e necessárias à escuta. Pensamos esses encontros aos moldes de oficinas, como modo de evidenciarmos seu caráter artesanal, experimental e de troca; com durações diversas e disparadas por convites, muitas vezes boca-a-boca, entre as/os integrantes dos coletivos.

Os modos e modulações de criação desses encontros e dispositivos-colagem acontecia amplamente a partir dos percursos dos corpos-estagiárias pela cidade, em relações e afetações que permitiam questionar, analisar e repensar quais eram as maneiras possíveis de tornar visíveis saberes e táticas ainda insuspeitas em nossos campos do conhecimento junto a uma política de sustentação da vida da qual não podíamos nos ver desimplicadas.

Quando, em uma das oficinas, começamos a folhear as revistas ali dispostas e nossa atenção foi capturada pelas letras, suas formas, diagramações, cores e aquilo que tematizavam, por essa primeira materialidade simples e disponível, passamos a recolher e delimitar possibilidades de composição e reconhecimento de sentidos, percepções e palavras candentes daquelas/es que ali encontravam-se conosco. Quais palavras saltavam aos olhos, quais expressões e estéticas ganhavam relevo? Nisso estava a tentativa de, a partir de suas experiências e saberes, encontrarmos fios condutores para produções e intervenções acopladas ao real social – que é sempre produção de uma realidade tomada como política, e não dada, naturalizada (Rolnik, 1989). Afinal, nossas estratégias estavam pautadas no entendimento desses corpos, constantemente invisibilizados, como fazedores de cultura e, as expressões culturais como possibilidade de criação de outras formas de ocupação e produção de territórios existenciais.

No jogo e disputa de produção de vidas e territorialidades, nos afetamos pelo que está disposto e buscamos estar atentas às dimensões ética e política do olhar e da produção de modos de existência, observando os tensionamentos e os afetos gerados, pensando no que pode ser construído a partir do que emerge dessa presença-afetação.

O processo de folhear as revistas acontecia no início de todas as oficinas de colagem criando inícios. Apostamos nesse gesto de folhear como um dispositivo de conversação (Tibola, 2019). O compartilhamento dos ajeitos e desajeitos com os materiais era também parte dos modos como nos dispúnhamos a fazer falar saberes e conhecimentos em criações conjuntas.

Começávamos espalhando as revistas no lugar em que o encontro ia acontecer, ocupando seu espaço. Logo pegávamos uma por uma, olhando e comentando o que nos chamava a atenção, o que nos causava estranhamento, o que nos afetava. Enquanto isso acontecia, nos encontrávamos com muitas coisas: com a materialidade de algo que não produzimos, com os barulhos do ambiente, com histórias que queríamos contar, com o que nos afetava no presente e, por fim, com o que desejávamos produzir a partir do que há no mundo e do que nos afeta. Independentemente de onde a oficina acontecia – fosse na pista de skate ou num ambiente preparado para um encontro entre as pessoas do coletivo e as pessoas do estágio – o início era quase inevitavelmente um folhear de revistas, percorrendo palavras, imagens, sons, texturas, silêncios...

O vagar pelas revistas se dava por uma atenção não direcionada, permitindo que o olhar percorresse aquelas páginas sem um compromisso ou orientação de encontrar ali respostas a perguntas pré-fixadas. Tratava-se de um exercício de experimentação conjunta de outro tempo, de outra atenção; exercício da desconexão do ritmo acelerado. A experimentação, através de um outro regime atencional (Kastrup, 2004) criava, para





nós, sentidos e modos imanentes ao real social (Rolnik, 1989). Pois é dentro da lógica de funcionamento da organização capitalista contemporânea que os processos de subjetivação, mediados pelas telas dos computadores e celulares, tornam-se mais individualizados, em uma lógica atencional difusa. Isso se dá como consequência da suposta onipresença fomentada pelos gadgets, por meio da temporalidade produzida por esta experiência, chamada de 24/7. Ela aniquila dimensões compartilhadas da experiência, apoiadas na anunciação de um tempo sem tempo, sem demarcação material ou identificável (Crary, 2013), em um processo de desterritorialização da temporalidade da vida comum, que se reterritorializa numa alucinação da presença, de uma permanência inalterável composta de operações incessantes e automáticas, despotencializando o encontro em sua dimensão criativa.

Com base nisso, compreendemos que as experimentações coletivas através das colagens tensionam essa lógica, possibilitando a experimentação de outros tempos e espaços de acolhimento que priorizam a dimensão relacional desse acontecimento. Algo como um registro de captura da presença, de uma experiência de criar um mínimo comum; como se, por aquelas materialidades, insistíssemos num exercício de produzir rugosidades, texturas, para fazer saltar outros modos relacionais com o tempo e o corpo; outras polífticas de sustentação da vida cotidiana.

Por vezes, percebíamos que o processo de folhear revistas era experienciado com certa angústia. Principalmente quando não existe muita familiaridade com a dinâmica dos encontros e com os materiais, é comum a sensação de se perder dentro de tantas possibilidades, de ter medo de mexer no que parece estar pronto, de não se sentir autorizado a produzir algo. Não sem embaraços de ambas as partes, acontece de as revistas serem folheadas quatro, cinco, dez vezes e se acredita que a própria atividade ainda não se iniciou. Mas a realidade é que, desde o momento em que os corpos se colocam em uma mínima disponibilidade ao encontro, o que chamamos de oficina – ou de “oficinagem” (Cabral, Lobo, 2024, p.235) – já começou, operando justamente por essas infiltrações e imprecisões oportunas de seus inícios e fins. A trivialidade do folhear e flunar pelas revistas, observar, se permitir afetar, diz da experimentação de pontos de convergência, ainda que evanescentes.



Seguimos a lógica da Caosgrafia (Araujo, Cabral, Araújo, et al., 2016), tomada como estratégia coletiva de instaurar experiências por entre fragmentos e temporalidades em um movimento de redizer que está sempre por se fazer. Percebíamos, mais do que tudo, que os incômodos ou desconfortos, sobretudo de nós como propositoras dos encontros, apareciam quanto mais tentávamos agarrar uma métrica e fórmula do encontro, quando mais perseguíamos um tempo significado por sua utilidade ou produtividade, inscrito como seta ou meta a ser atingida. Pois, pelos movimentos caosgráficos, entendemos que o que essa estratégia convida é justamente a uma disponibilidade para um processo movente, como jogo de afecções e revezamentos de modos de dizer que não se querem completos, encerrados em si mesmos; aceitam-se em suas provisoriidades e precariedades: como rasgos, recortes que acontecem ali e não em outro lugar, mas que podem produzir infiltrações, contágios, movimentos infrapolíticos (Lugones, 2014) da experiência no cotidiano das cidades, atualizados ali, em uma roda, em um ponto de encontro a folhear revistas e a percorrer dizeres outros. Uma atualização e uma chance como gesto conjunto de reconhecer que, como “existências colonizadas, racialmente gendradas e oprimidas, somos também diferentes daquilo que o hegemônico nos torna” (Lugones, 2014, 937).

### Recortar

Depois de percorrer algumas imagens, formas e palavras que dizem mundo, que dizem corpo, cidade, identidade e outras coisas sem nome – depois de olharmos o que foi convocando nossos sentidos, modulando nossas conversas, e que foi nos mobilizando enquanto corpos que ali se colocam em relação – chegava a hora de recortar. De forma tímida, cuidadosa, quase pedindo licença para as revistas, começávamos com os primeiros recortes. Esses, compreendidos como gestos que fazem algo saltar para além do vagar dos olhos. Seja um incômodo, uma inspiração, uma relação entre duas ou mais imagens narrativas, alguma coisa faz disparar as primeiras atuações. O recorte é a escolha por visibilizar alguma coisa em detrimento de outra. É escolher uma palavra e não outra; é escolher uma imagem e não o que está no seu verso; é a possibilidade de arrancar do contexto uma palavra para fazê-la aparecer em outro; é



romper a imagem de um corpo inteiro para vê-lo comparecer aos pedaços; é a chance de encontrar a precisão da tesoura ou o gosto pelo movimento solto do rasgar com as mãos. E é também lidar com o fato de não se saber exatamente o que vai acontecer com o que está se escolhendo recortar e destacar, mas se permitir ir encontrando composições insuspeitas, choques e derivações diante dos outros materiais que vão surgindo na roda por outras mãos e recortes.

É necessário levar em consideração que o olhar – dentre outras formas de percepção possíveis – é uma importante via na qual baseamos boa parte de nossas estratégias. Mas vislumbramos também a existência de caminhos auspiciosos quando, para além da perspectiva vidente, também criamos gestos de recortes com descrições de imagens, acionando nelas não apenas formas e cores presentes, mas igualmente afecções a partir das quais novas camadas sensíveis podem comparecer no coletivo como um todo.

Foi também desde uma problemática do olhar – aí entendido como ferramenta de intervenção, e não apenas como instrumento de observação de uma posição que se quer neutra (Diehl, Maraschin, Tittoni, 2006) – que viemos pensando nossos lugares nos diversos espaços e momentos para os quais fomos convocadas ao longo de nosso primeiro ano de trabalho: como a Semana do Orgulho promovida pelo Centro de Cidadania LGBTI, a Semana da Mulher Afro-Latino Caribenha e outras articulações com aparelhos culturais e instituições públicas de assistência e saúde.

As demandas por um olhar psi às questões que atravessavam esses espaços e instituições foram, pouco a pouco, deixando de ser respondidas por nós através de simples recusa nossa a determinados especialismos que compreendíamos impertinentes, para apresentarem-se como saberes corporificados desde uma ética do cuidado compartilhado. Assim, com os dispositivos-oficinas, fomos encontrando caminhos dentro do estágio por parcerias e encontros que nos levaram até o coletivo *Mais Que Skate*, que havia acabado de ser contemplado em um edital de fomento a eventos culturais. Nas narrativas comuns da cidade industrial, produtiva e viril, a prática do skate desperta desconfortos por suas dimensões que vão além do esporte e lazer. A prática e cultura do skate tensionam com as lógicas arquitetônicas utilitaristas das ruas, bancos, escadas, corrimões, ladeiras e calçadas, propondo modos de ocupação diversos. As manobras são constantemente praticadas e repetidas nas diferentes superfícies da cidade, inclusive naquelas em que o skate supostamente não deveria estar.

Existe na prática do skate a sustentação de um modo coletivo de ocupar a cidade, e os pontos mais inalcançáveis e inaceitáveis se tornam os mais almejados. Os corpos que o praticam aparecem na pista sozinhos, ou acompanhados de amigos ou familiares, e se encontram com outros, igualmente interessados em experimentar suas potencialidades e aprender com quem está presente. Porém, mesmo nesse espaço que interroga tão fortemente os dizeres-cidade hegemônicos, existem invisibilizações e violências que dificultam a entrada de certos corpos nesses coletivos (Teixeira, 2017).

Foi diante da expressiva quantidade de relatos de assédio, homofobia e transfobia, direcionados às mulheres e pessoas LGBTQIAPN+ nas ruas e nas pistas de skate, que o coletivo *Mais Que Skate* se organizou na cidade de Volta Redonda. Mesmo que não tão eficazes quanto as lógicas da cidade do aço, as pistas de skate seguiram demarcando lugares de poder e dificultando a ocupação de outros corpos. O coletivo buscou, assim, promover o acolhimento e pertencimento das mulheres e pessoas trans no espaço da pista, como uma maneira de mostrar que esses lugares também lhes são possíveis e de direito.



Imagem 3 - Oficina de colagem feita no +QRolezin, proposto pelo coletivo Mais Que Skate em composição com o estágio Cidade, Cultura e Coletivos (arquivo do estágio, 2023).

Nossa aposta nesta parceria com o coletivo Mais Que Skate se deu por reconhecermos na perspectiva do coletivo um ato de cuidado e um gesto de corte - como cesura a um modo de dizer skate, cultura e cidade por reiteradas normatividades e expectativas de performances de gênero. As oficinas se fizeram como aposta em uma plástica dos encontros a partir de indagações compartilhadas acerca do que – desde um coletivo LGBTQIAPN+ – se desejava tornar visível na cidade que circulamos, habitamos, sonhamos.

O sonho da ocupação da cidade se materializou em um evento chamado “+QRolezin”. Seguindo as idealizações do coletivo de acolher mulheres e pessoas LGBTQIAPN+ na pista, o objetivo principal do evento era abrir o espaço do skate para as diferentes formas com as quais esses corpos ocupam e fazem cultura. Assim, música, artes visuais, personalização de skate, fotografia e arte urbana coexistiram em um só dia, em uma das principais pistas da cidade. Em uma das reuniões para o planejamento do evento, por conta da possibilidade de se convidar uma DJ da cidade que tocava funk, suscitou-se um debate acerca do que poderia e do que não poderia aparecer no +QRolezin. Nesse debate, que foi sustentado pelos diversos entendimentos do que “cabe” na “cultura do skate”, ficou evidente para nós que o espaço do skate, por mais que seja reconhecido como cultura urbana contra-hegemônica, está em disputa e possui seus próprios campos de visibilidade e invisibilidade, de pertencimento e exclusão. Por alguns recortes tortos e rasgos, se fez possível acompanhar a construção daquilo que foi criando os contornos singulares de um evento que seria ele mesmo um dispositivo de visibilização das múltiplas formas de ocupar a pista de skate.

A produção de visibilidade dos modos de ocupar uma pista de skate aponta para uma dimensão mais ampla e radical dos próprios modos de ocupar cidade. O que nela cabe e o que não cabe toma a força de uma questão articulada às políticas públicas que possam atuar no enfrentamento da negação das integridades físicas e psíquicas de alguns corpos; ganha a força da reivindicação de que, sem a participação de minorias sociais, não se constroem cidades seguras e sustentáveis (Borges, Araújo, 2022)







ganhando densidade em meio à partilha de um cotidiano que também é vivido como prática e exercício ético-estético-político de fazer-se e refazer-se nos revides, embates e composições com uma cidade narrada por seus fragmentos. Assim, adentramos um espaço de experimentação, de (re)escritas de si e de produção de saberes pelos quais se faz possível narrar e reterritorializar acontecimentos por onde apostamos contar outras histórias de nós mesmas/os. A colagem como gesto conjunto se diz, portanto, como intermédio de uma prática de cuidado, uma produção artística e ocupação urbana, como estratégia de advogar os direitos reiteradamente negados a corpos que criam formas cotidianas de produzir rupturas e continuidades adstritas à produção da dignidade humana.

O ato de colar cria forma, cria marcas, lastro e confere materialidade às afecções e experiências no cotidiano que emergem do/no encontro. Diferentemente de algumas reuniões de preparação para o evento em que pensávamos mais estritamente sobre operacionalidades, naquelas em que era pela colagem que nos encontrávamos, reconhecíamos que muito do que ali fazíamos não se significava ou ganhava importância pelo evento que viria, mas, era um ato que bastava em si. Ainda que nesses momentos tivéssemos a expectativa de um produto final (os lambes de divulgação do evento +QRolezin), o que pudemos testemunhar foi o desejo de fazer ecoar em nós e nos espaços urbanos uma força coletiva (não sem tensões e dissensos) de corpos e vidas que, sim, dizem-cidade e ousam fabulá-la desde as memórias, as marcas, os sonhos desses mesmos corpos e experiências. Nunca foi só um cartaz de divulgação de um evento, era ele mesmo a presentificação de um dizer.

Poderíamos ainda acrescentar: também nunca foi só um evento de skate. Para o coletivo Mais Que Skate – e para nós, conjuntamente – era a instauração de um território de criação, pluralidade, cuidado e formação conjunta. E, para além disso, o próprio cartaz, como um instantâneo de nossos encontros, compareceu como uma espécie de devolutiva ao território daquilo que viemos construindo junto aos coletivos LGBTQIAPN+ ao longo do tempo de estágio.

### Lambes

A exemplo dos cartazes construídos para divulgação, durante o evento, apostamos na sustentação de um momento-oficina voltado aos participantes como forma de seguirmos experimentando modulações desse modo de criar temporalidades e modos de percorrer, recortar e compor imagens-presenças na cidade. Ali a cidade era uma pista de skate. Essa que, por mais que se possa reconhecer sentidos e práticas plurais, é também território de arestas e impossibilidades para corpos e corpos que não reproduzem performances masculinas heteronormativas.

Durante o evento, após a realização da oficina de colagem com um público bem maior do que estávamos habituados em nossos encontros, as produções tomaram a materialidade de lambes, e ocuparam um dos obstáculos centrais da pista de skate. Na programação, juntavam-se à nossa oficina outras propostas coletivas: como uma oficina de personalização de skate, exposição de artistas da região, apresentação de DJ's, pocket show de rap, banda punk, vogue, além de um momento no qual a pista foi ocupada apenas por mulheres e pessoas trans, as quais foram convidadas a realizar um desafio proposto por elas mesmas em troca de peças de skate. Cada um desses momentos foi pensado, sonhado e planejado como formas de acolhimentos que se mostram possíveis aos mais diversos modos de existência em suas diferentes maneiras de ocupar, as mais variadas materializações dos afetos gerados naquele encontro.



Imagem 6 - Mural criado no +QRolezin com as produções feitas na oficina de colagem (arquivo de estágio, 2023).

A ideia de usar os lambes para a divulgação do +QRolezin esteve em consonância com nossos modos de ocupar, com a aposta do evento: tanto como modo de narrar cultura urbana e ocupação da cidade por vias não hegemônicas, quanto como forma de intervir em conjunto ao que está no mundo, como parte de uma processualidade em curso. A oficina de colagem e a ocupação urbana pelos lambes fizeram parte de um processo de subjetivação tanto do coletivo quanto do nosso trabalho de estágio, reconhecendo os nossos corpos enquanto pertencentes à cidade, enquanto defensores de uma ética e política do espaço urbano não hegemônicas. O que faz emergir o reconhecimento desse território enquanto compositor das nossas subjetividades; um território relacional, vivo, que conta também a história desses corpos invisibilizados que o ocupam.

As colagens produzidas no evento só se tornaram lambes para serem colados a partir do entendimento de que a pista de skate precisa ser esse espaço de pertencimento para os corpos frequentemente invisibilizados. A pista de skate do bairro Tiradentes só pôde ser ocupada e acolher o evento criado na medida em que foi reconhecida enquanto espaço de cultura que se faz em disputa por aqueles e aquelas com quem compomos e nomeamos de fazedora/es de cultura. Foi só a partir disso que aquele espaço pôde acolher e sustentar uma oficina de colagens, de lambes, e também um desafio para mulheres e pessoas trans, e ainda um show de *vogue* logo depois de uma apresentação de banda *punk*.

Apontamos para a importância da criação de ruídos e rupturas através de outros modos de uso dessas histórias à margem. A oficina de colagem que ocorreu no +QRolezin foi sustentada pela aposta e entendimento de que os corpos femininos e trans participam da construção de um espaço de compartilhamento, de criação, de trocas de experiências, em movimentos de disputa por pertencimentos de maneiras inéditas e que se fazem necessárias a cada vez.





### Restos

Os lambes, enquanto sobras nas ruas depois das oficinas de colagem, marcam no território a memória dos modos de ocupação uma vez criados. Como pistas de que algo ali aconteceu (e que pode acontecer), esses restos fazem emergir mapas e narrativas de pertencimento que continuam se atualizando à medida em que evidenciam modos de sustentação de existência e criação de possibilidades que a presença desses corpos exigem.

É junto à análise do que resta que pensamos os efeitos do nosso trabalho. Compreendemos que buscamos fazer de nossas estratégias formas – ainda que provisórias – de interposição às totalizações e normatizações das políticas urbanas que operam igualmente como políticas de subjetivação excludentes (Cabral, 2013). Por meio de ocupações e experimentações estéticas, entendemos as colagens e os lambes não como formas de representar o que é cidade para um coletivo ou para as vivências LGBTQIAPN+, mas como matéria que se abre aos embates, que se faz e se refaz em jogos discursivos e revezamentos entre os corpos (Araújo, Cabral, Araújo, et al., 2016).

O retorno ao diário de campo e aos relatórios, compreendidos enquanto espaços de experimentações de narrativas de si e do mundo, faz emergir diversos fragmentos desse processo de entendimento e construção de um corpo-estagiária junto às políticas públicas atreladas ao campo da Cultura. Apostamos no trabalho com a Cultura enquanto transversalidade e potência de atuação do fazer psi, e entendemos que a experimentação e a coletivização das experiências são caminhos possíveis para se pensar cuidado e promoção de direitos e saúde. Podemos retornar, sejam aos diários, sejam aos relatórios, sejam aos lambes, como forma de atualizar e reconhecer nos corpos um trabalho e processo de produção de conhecimento.



Este escrito é também superfície na qual reconhecemos restos de dizeres e de uma memória que ainda é capaz de iluminar questões no presente.

Quando nos propomos a seguir um estágio na Rede de Cultura, algo na formação se abriu, algo do corpo pediu passagem, e demandou pensar outros modos de promoção de cuidado e outros saberes advindos da prática psi junto aos corpos que, historicamente, o próprio campo estigmatizou e objetificou. O contato com a metodologia, com o trabalho cotidiano e, igualmente, com a angústia que, de vez em quando, toma conta de tudo, cria também abertura às afecções dos encontros, essas que se tornam condição para criação de outros mundos compartilhados.

Caminhamos por exercícios de compreensão de que trabalhar junto aos territórios e modos de existência denegados não implica em tomá-los como “alvo” de nossas intervenções, mas, entendê-los enquanto participantes diretos da produção dos conhecimentos concernentes às práticas e dispositivos acionados. Um coletivo de mulheres cis-hetero e pessoas LGBTQIAPN+ que se dispuseram a disputar cidade a partir da cultura do skate em meio a uma cidade amplamente excludente abriu em nosso campo de estágio um caminho capaz não apenas de visibilizar e se interpor às lógicas de poder que as políticas urbanas operam, mas também criaram um campo potente de recolhimento dos efeitos de nossas práticas e discursos. Assim, ao nos propomos a criar recortes, colagens em espaços e temporalidades que inventamos coletivamente, reconhecemos modos de intervir que talvez tenham a chance de produzir cortes e interrupções de um cotidiano em suas tarefas, funcionalidades e pragmáticas, tão violentas quanto corriqueiras.



## Referências

ARAÚJO, Frederico Guilherme Bandeira de; CABRAL, Ana Rodrigues; ARAÚJO, Flávia de Sousa, et al. Caosgrafias cidade. *Cadernos Metrópole*, v. 18, n. 37, p. 899–920, 2016. Online. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cm/a/9xfNJKTn8GHnHvTDG7NL7Qt/?lang=pt>. Acesso em: 15 mar. 2024

ARENDR, Roland.; MORAES, Marcia; TSALLIS, Alexandra. Por uma psicologia não moderna: o PesquisadorCOM como prática meso-política. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 15(4), 1143-1159, 2016. Online. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/epp.2015.20237>. Acesso em: 10 mai. 2024

BENJAMIN, Walter. Passagens. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

BORGES, Hilda Marinho Amaral; ARAÚJO, Flávia de Souza. Maceió pra todes: modos dissidentes de ocupar e construir a cidade. *Ímpeto: Revista de Arquitetura e Urbanismo*, Maceió, N. 12, 2022.

CABRAL, Ana Rodrigues. *Por entre ratos e andorinhas: burburinhos e garatujas de uma experiência de montagem no limiar das palavras cidade e subjetividade*. 2013. Tese (Doutorado em Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional) Programa de Pós-Graduação em Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

CABRAL, Ana Rodrigues. *Projeto de estágio curricular em psicologia social e institucional*, Cidade, Cultura e Coletivos. 2019. Serviço de Psicologia Aplicada (ICHS), Universidade Federal Fluminense.

CABRAL, Ana Rodrigues; LOBO, Clara Belo. Verbete Oficinar. In: ROCHA, Eduardo; BELTRAME, Thais. (Orgs.). *Verbolário da Caminhografia Urbana*. 1ed. Pelotas: Ed. Caseira, 2024 V. 1, p. 235-236.

CRARY, Jonathan. *24/7 Capitalismo tardio e os fins do sono*. São Paulo: UBU editora, 2013.

DIEHL, R.; MARASCHIN, C.; TITTONI, J. Ferramentas para uma psicologia social. *Psicologia em Estudo*, v. 11, n. 2, p. 407–415, 2006. Online. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/ZSYqXth6gHL9nhhzNj4hXNs/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 18 mai.2024.

DUTRA, Isadora de Almeida. *Uma Aposta Na Cultura Skatista: Práticas de singularização como enfrentamento à colonização da experiência*. 2023. Monografia (Bacharelado em Psicologia) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Fluminense.

FEDERICI, Silvia. Com Filosofia, Psicologia e terror: Transformando corpos em força de trabalho. In: FEDERICI, Silvia. *Além da Pele: Repensar, refazer e reivindicar o corpo no capitalismo contemporâneo*. São Paulo: Editora Elefante, 1ª ed, 2023. Cap.3, p.103-121.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir. Petrópolis: Ed. Vozes, 1997.

KASTRUP, Virginia. *A aprendizagem da atenção na cognição inventiva*. Psicologia & Sociedade; 16 (3): 7-16; set/dez.2004. Online. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/Zs7wtDMRTYJX338HyT5YqyJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 mar. 2024.

LATOOUR, Bruno. Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. In: NUNES, João. Arriscado, ROQUE, Ricardo. (orgs). *Objetos impuros: Experiências em estudos sociais da ciência*. Porto: Edições Afrontamento, 2007. Cap.1, p.40-61.

LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo descolonial. *Debate Colonialidade do Gênero e Feminismos Descoloniais*. *Rev. Estud. Fem.* 22 (3), 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/QtnBjL64Xvssn9F6FHJqznb#>. Acesso em: 20 mai.2024.

MORAES, Marcia; ARENDR, Roland. Contribuições das investigações de Annemarie Mol para a psicologia social. *Psicol. estud.*, v.18, n.2, p. 313-321, 2013. Online. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722013000200012>. Acesso em: 9 Jul. 2024.

POZZANA, Laura. A Formação do Cartógrafo é o Mundo: Corporificação e Afetabilidade. *Fractal, Revista de Psicologia*, v. 25 – n. 2, p. 323-338, 2013. Online. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/KqsStJnY3bfNNTXJsXwLzWD/abstract/?lang=pt>. Acesso em: dez.2023.

POZZANA, Laura; KASTRUP, Virginia. Da propriocepção à apropriação da experiência: uma prática corpora, com pessoas com deficiências visual. *Periferia: educação, cultura e comunicação*, vol. 9, núm. 1, pp. 358-382, 2017. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Online. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/periferia.2017.29409> Acesso em: 14 jun. 2024.

ROCHA, Marisa. Lopes da; AGUIAR, Katia. Ferreira. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 23, n. 4, p. 64–73, 2003. Online. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1414-98932003000400010&lng=pt&nrm=iso](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1414-98932003000400010&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 02 mar. 2024.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação liberdade, 1989.

ROLNIK, Raquel. *Guerra dos Lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças*. São Paulo: Ed. Boitempo, 2019.

TEIXEIRA, Juliana Cotting. Skate street e devires minoritários: (des) territórios do sujeito skatista. *Seminário Internacional Fazendo Gênero*, v. 11, 2017. Online. Disponível em: [https://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499464013\\_ARQUIVO\\_VERSAOFINALFAZENDOGENERO.pdf](https://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499464013_ARQUIVO_VERSAOFINALFAZENDOGENERO.pdf). Acesso em: 13 jul. 2024.

TIBOLA, Talita. Futuros impossíveis: uma aproximação de dispositivos de conversa com a pesquisa-intervenção. In: ROZENSTRATEN, Artur; BECCARI, Marcos,]; ALMEIDA, Rogério de (orgs.). *Imaginários Intempestivos: arte, arquitetura, design e educação*. São Paulo: Feusp, 2019.